

Voz do sangue

Palpitam-me
os sons do batuque
e os ritmos melancólicos do blue

Ó negro esfarrapado do Harlem
ó dançarino de Chicago
ó negro servidor do South

Ó negro de África
negros de todo o mundo
eu junto ao vosso canto
a minha pobre voz
os meus humildes ritmos.

Eu vos acompanho
pelas emaranhadas áfricas
do nosso Rumo

Eu vos sinto
negros de todo o mundo
eu vivo a vossa Dor
meus irmãos.

ANTONIO AGOSTINHO NETO¹ nasceu em 17 de setembro de 1922, na aldeia de Kaxicane, região de Icolo e Bengo, próximo de Luanda. Seus pais eram professores. Concluído o ensino médio em Luanda, Agostinho Neto trabalhou nos serviços de saúde. Com o firme propósito de formar-se em Medicina, economizou durante vários anos e embarcou para Portugal em 1947, matriculando-se na Faculdade de Medicina de Coimbra. Lutando contra a pobreza e discriminação avassaladoras, primeiro em Coimbra e depois em Lisboa. Foi preso pela primeira vez em 1951, quando militava pela Conferência Mundial da Paz em Estocolmo.

Após a libertação, tornou-se representante da juventude das colônias portuguesas e foi durante um comício de estudantes, operários e camponeses que a PIDE – a temível polícia política da ditadura salazarista – o prendeu pela segunda vez, em fevereiro de 1955. Só veio a ser posto em liberdade em junho de 1957.

Da prisão, em 1955, publicou seu primeiro livro de poemas, sempre denunciando as péssimas condições de vida do povo angolano, o silêncio imposto por Portugal e a brutal repressão do colonizador.

Em 10 de dezembro de 1956, fundiram-se em Angola vários movimentos anticoloniais para formar o MPLA, Movimento Popular para Libertação de Angola, o movimento que dirigiria a luta armada do povo angolano contra o fascismo português.

Em 1957 foi eleito Prisioneiro Político do Ano pela Anistia Internacional, após campanha internacional que denunciava sua prisão política.

Formado em medicina e já casado com Maria Eugenia, com um filho pequeno volta para Angola em 30 de dezembro de 1959.

É preso novamente em 8 de junho de 1960 – o diretor da PIDE veio pessoalmente prendê-lo no seu Consultório em Luanda –, gerando protestos generalizados e o Massacre de Icolo e Bengo (30 mortos e mais de 200 feridos). Foi transferido para uma prisão de Lisboa e, mais tarde, enviado para Cabo Verde, para Santo Antão e depois para Santiago, onde continuou a exercer a medicina sob constante vigilância política. Foi, neste período, eleito Presidente Honorário do MPLA.

Sob forte pressão internacional, foi libertado em 1962, sendo obrigado a fixar residência em Portugal. Mas pouco tempo depois da sua saída da prisão, saiu clandestinamente com a mulher e os filhos pequenos, che-

¹ Notas e seleção Virgílio de Mattos

gando a Léopoldville (Kinshasa), onde o MPLA tinha sua sede no exterior. Em dezembro foi eleito presidente do MPLA.

Com a “Revolução dos Cravos” em Portugal , em 25 de abril de 1974, o MPLA assinou um acordo de cessar-fogo com o Governo Português, em outubro do mesmo ano.

Agostinho Neto regressou à Luanda em 4 de fevereiro de 1975, e em 11 de novembro de 1975, proclamou a independência, investido no cargo de Presidente da República Popular de Angola.

Há um belíssimo filme dirigido por José Celso Correia Martinez, então exilado, denominado “25”, com imagens históricas desse momento.

O doloroso é que estes poemas escritos há anos ainda retratem a realidade de milhões e milhões de trabalhadores mundo afora, não só na mãe África e na América Latina, mas em todos os outros continentes.

Em um ano em que todo o mundo comemora o fim da era Bush e a ascensão de um negro à Casa Branca, nada mais justo do que homenagearmos um combatente negro, do continente negro, feroz crítico da chamada “civilização ocidental”, que há trinta anos desaparecia da vida para entrar na história.

Como dizia o próprio Agostinho Neto: “A luta continua”. E dizemos nós: A luta é mesmo contínua!